

GT76: Sujeito e religiosidade: práticas, representações e experiências

Bruno Bartel, Edilson Márcio A. Silva

No início do século XIX, Hegel inovou ao postular que toda consciência resulta de um processo de formação histórico-cultural, posição também assumida por Marx que, juntamente com Freud e Nietzsche, viria a assumir indelével influência na obra de Foucault. Uma das mais renomadas referências no debate acerca das relações entre o sujeito e o poder, o filósofo francês notabilizou-se ao elaborar uma perspectiva teórica invulgar na qual a noção de insubmissão da liberdade ocupa um lugar privilegiado. Partindo dessa perspectiva - sem, contudo, nos atermos a ela -, interessa-nos refletir sobre a relevância da religiosidade na produção de modos de ser/estar no mundo, enfocando, em especial, as práticas, representações e experiências que orientam as estratégias de luta empregadas por diferentes sujeitos para fazer frente às relações de poder que se lhes impõem nas múltiplas e variadas esferas da vida social. Em linhas gerais, o GT pretende constituir um espaço de diálogo e reflexão em torno de fenômenos como: ações rituais coletivas, controvérsias públicas, modos de engajamento disciplinar, mobilizações políticas etc., cuja análise servirá de subsídio a uma problematização mais ampla do papel desempenhado pela religiosidade na produção da consciência e, por conseguinte, na construção de sujeitos nas sociedades contemporâneas.

Representações identitárias da homossexualidade campinense

Autoria: Francisco Jomário Pereira

Neste artigo, apresenta-se uma análise do processo de construção das representações da homossexualidade a partir da doutrina espírita brasileira e da percepção de homens gays praticantes do espiritismo, a partir de dados coletados entre os anos de 2016 e 2019 na cidade de Campina Grande na Paraíba. Os resultados apresentados foram frutos de análises realizadas inicialmente da obra de Allan Kardec, bem como de discursos e publicações de médiuns brasileiros contemporâneos, para então se alargar o debate, valendo-se de entrevistas com homens gays praticantes do espiritismo. Levou-se em consideração também a Análise do Discurso de linha francesa enquanto vertente teórico-metodológica. Observa-se que as representações apresentadas pelos interlocutores coadunam, em parte, com aquelas pensadas pelos doutrinadores espíritas, mas existem resistências, mostrando que a subjetividade do indivíduo interfere e ajuda a ressignificar conceitos e práticas religiosas. Por meio deste trabalho, portanto, busca-se contribuir para o alargamento do debate em torno da sociologia da religião em interface com a sexualidade e, por fim, expandir o debate em torno do espiritismo brasileiro.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

